



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil

Mendes Martins de Menezes, A.

Citation

Mendes Martins de Menezes, A. (2024, September 25). *Instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil*. LOT dissertation series. LOT, Amsterdam.
Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/4093421>

Version: Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/4093421>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

RESUMO DA TESE

O presente estudo, concentrado no vocabulário dos instrumentos musicais nas línguas bantu e a herança no português do Brasil, visa descrever, comparar e analisar os reflexos correspondentes aos temas existentes na base de referência das reconstruções lexicais bantu (BLR3) e novas propostas de temas, relacionados a instrumentos musicais pertencentes às quatro famílias: aerofônica, cordofônica, idiofônica e membranofônica. Os resultados revelam a difusão histórica e o ambiente cultural (musical) na era proto-bantu. Nesse contexto, comparou-se os étimos reconstruídos e/ou propostos com os vocábulos bantuísticos encontrados no Brasil para instrumentos musicais gerais, no intuito de confirmar e localizar o ponto de partida dos mesmos.

O interesse em investigar o vocabulário dos instrumentos musicais nas línguas africanas bantu e, conseqüentemente, sua relação com o português falado no Brasil constituiu-se numa pesquisa que se justificou pelas contribuições com a reconstrução do proto-bantu, através de buscas etimológicas, e pela constatação de que, após o período do tráfico de escravos (século XVI ao XIX), questões acerca das influências africanas no português brasileiro têm sido discutidas, porém, a maioria baseada em documentos antigos que apresentam sempre as mesmas lacunas (Bonvini 2014). Nesse sentido, ao tratar-se de um vocabulário específico, baseado num expressivo número de dados linguísticos atuais, levantou-se algumas questões principais que nortearam a temática desta pesquisa:

- Que tipos de temas bantu tratam do vocabulário relacionado aos instrumentos musicais?
- Quais são os níveis de profundidade, classes nominais predominantes e as motivações semânticas da maioria desses temas?
- Quais são as contribuições linguísticas à história do Brasil no que se refere às influências bantu no contexto dos instrumentos musicais?

- Em quais regiões do domínio bantu se concentram os temas que correspondem aos bantuísmos brasileiros?

No decorrer da discussão da tese, buscou-se responder, de acordo com informações obtidas no levantamento dos dados linguísticos atuais, as questões norteadoras.

A metodologia utilizada foi de caráter bibliográfico e contou com o apoio do acervo especializado das bibliotecas (de Linguística e de Etnomusicologia) do Museu Real da África Central (MRAC - Tervuren, Bélgica). Através do método comparativo, no qual cria-se uma técnica de pesquisa na gramática histórica, que consiste em estabelecer a comparação das palavras e estruturas gramaticais de línguas que possuem uma origem comum, pode-se explicar se uma língua pertence ou não a uma determinada família e também determinar, por dedução, características da língua ascendente comum a um conjunto de línguas. Os dados foram coletados de várias fontes (linguísticas e não linguísticas). Por isso, é relevante lembrar que erros de interpretação são possíveis. Concernente ao problema, algumas descrições gerais serão encontradas nas tabelas de agrupamentos, tais como: “instrumento musical”, “tipo de instrumento que se toca com os dedos”; nesse sentido, o trabalho de comparação dos dados e a consulta à literatura, referente à musicologia, ajudaram na identificação de alguns tipos de instrumentos musicais, bem como auxiliaram no direcionamento de algumas sugestões de origem dos nomes. Ex. Laurenty (1960, 1972, 1974, 1995, 1996, 1997); Gansemans (1978, 1980, 1988, 2008); Boone (1936); Bastin (1992); Redinha (1984); Kubik (2014); Jadinon (2012, 2016, 2017); Söderberg (1956); Sallée (1985); Fryer (2000); Hulstaert (1935); Le Bomin (2004, 2005); Cloarec-Heiss (1999); Rivière (1999); Schaeffner (1933, 1936); Shaffer (1977); Swiderski (1970), Van Thiel (1977), Matiure (2013), Tracey (1972), Fürniss (1993).

Quanto à direcionalidade dos sentidos e também das sugestões de origens de alguns temas, o estudo baseou-se em Bréal (1897), Benveniste (1954), Bastin (1985), Schadeberg (2006), Bostoen & Bastin (2016), Fleisch (2008), Grzega

& Schöner (2007), Urban (2014), Fortune (1962), Dingemanse (2012), Childs (1989, 1994), Langa (2003) e Nhampoca (2021).

A tese foi estruturada em quatro capítulos. O primeiro contextualizou o estudo fazendo uma breve discussão acerca das generalidades antropológicas referentes aos instrumentos musicais, destacando, por exemplo, a divisão e subdivisão categórica (Brancour 1921); as descobertas a respeito das primeiras flautas feitas a partir de ossos de pássaros (Buisson 1990); particularidades de um tipo de trompa musical, em forma de espiral, fabricada a partir de chifres de diferentes antílopes, encontrada na região leste do domínio bantu (Ganseman 1988); teorias quanto a origem do nome “berimbau” (Shaffer 1977)/ (Kubik 2014) que designa a mesma espécie de instrumento monocórdio encontrada no Brasil com outros nomes, *lungungu*, *mongongo* e *egobore*; uma espécie de harpa arqueada, considerada sagrada, encontrada na região do Gabão (Jadinon 2017), a classificação geral segundo Hornbostel & Sachs (1914).

O segundo capítulo aborda, sob enfoque onomasiológico, temas existentes e propostos com o objetivo de evidenciar as várias denominações referentes às famílias aerofônica, cordofônica, idiofônica e membranofônica e, quando possível, indicou suas origens. A pesquisa identificou alguns temas, entre existentes e propostos, com distribuição geral, outros foram atestados em determinadas regiões, ex. região noroeste, alguns com atestação essencialmente ocidental, outros mais orientais, às vezes, com indicação de motivação. Também foi possível identificar temas zonais com atestações além do bantu.

O terceiro capítulo apresentou conclusões comparativas resultantes das análises e discussões linguísticas no que se refere ao vocabulário em estudo, no universo bantufone. Nesse contexto, revelou-se alguns processos de criação lexical aplicados em nomes de instrumentos musicais ligados à derivação verbal, derivação ideofônica, processo metonímico e processo metafórico. Referente à derivação verbal, revelou-se que muitos nomes são

motivados pela ação particular de toque do instrumento, bem como outras características principiantes. Concernente à derivação ideofônica, a pesquisa colocou em evidência alguns princípios com estrutura monossilábica de característica onomatopáica, envolvendo instrumentos de sopro e percussão. No processo metonímico, destacou-se a ampliação e especialização de sentido (com mudanças e variação de classes), matéria e objeto (sem e com mudanças e variação de classes).

O quarto capítulo discorreu sobre as influências bantu no português brasileiro referentes ao vocabulário em estudo, primeiramente, refletindo acerca da conscientização sobre a importância do estudo da cultura africana; desse modo, destacou-se os primeiros estudos sobre as influências africanas, colocando em evidência as teorias pioneiras de Macedo Soares (1942), Mendonça (2012, primeira edição em 1933), Raimundo (1933) e Silva Neto (1950). Nesse cenário, as concepções dos autores nortearam as discussões quanto à formação da língua portuguesa brasileira e, conseqüentemente, as influências africanas. A partir das ideias registradas nas fontes, surgiram novos estudos os quais deram continuidade à investigação das influências africanas bantu; nesse domínio, destacou-se os trabalhos de Castro (2001), Lopes (2003), Fiorin & Petter (2014) e Angenot, Angenot V. & Maniacky (2013). O último citado foi a base para a identificação de vocábulos bantuísticos brasileiros, referentes ao vocabulário dos instrumentos musicais, a partir do qual, foi feita a correspondência com os temas bantu, seguindo os critérios de classificação estabelecidos por Maniacky (2009): temas com distribuição expansiva contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos; temas com distribuição restrita contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos; temas com distribuição fora de Angola e regiões costeiras dos dois Congos; e temas com ampla distribuição (a nível proto-bantu).

De acordo com a distribuição e localização dos vocábulos bantuísticos brasileiros no domínio bantu, o estudo mostrou distribuição linguística expansiva contemplando Angola e regiões litorâneas dos dois Congos para

temas que correspondem a cinco vocábulos: cucumbi [kukũm'bi], xaque-xaque [ʼʃaki ʼʃaki], chinguvo [ʃĩᵐ'guvu], mucubile [muku'bilɪ] e quiçango [ki'sãᵑgu] que, respectivamente, provêm de °-kũmbí, °-caka, *-gũbú e °-kũbũdũ e °-cãᵑgũ. Com distribuição linguística restrita, porém, também contemplando Angola e regiões costeiras dos dois Congos, temas que originaram cinco vocábulos: pũíta [pũ'ite], mulungu [mulũᵑ'gu], pungues [pũᵑ'gis], urucungo [uru'kũᵑgu], mondo [mũᵑ'dũ] e quiçanga [ki'sãᵑge], correspondendo, respectivamente, a °-pũitã, °-dũᵑgũ, *-pũᵑgũ, °-gũᵑgu, °-jũᵑdũ e °-cãᵑgã. Com distribuição linguística fora de Angola e regiões costeiras dos dois Congos, três vocábulos: ritumba [ri'tũᵑmbe], gobo [gobũ] e xequerê [ʃeke're], provenientes de *-tũmbã, °-gũbũ e °-céké, todavia, para os dois primeiros mencionados, foram localizados reflexos de temas correspondentes na região costeira oriental. Com ampla distribuição linguística no domínio bantu, cinco vocábulos: angoma [ãᵑ'gomẽ], marimba [ma'rĩᵑmbe], gunga [gũᵑ'ge], sansa [sãᵑ'sẽ], quiçanje [ki'sãᵑɕɛ] que correspondem, respectivamente, aos temas *-gũmã, *-dũmbã, *-gũᵑgã e *-cãᵑjĩ.

A análise dos resultados da presente pesquisa, de acordo com a tabela de distribuição linguística dos reflexos conforme a classificação filogenética proposta por Grollemund *et al.* (2015), permitiu colocar em evidência onze temas com grau de profundidade a nível proto-bantu. Os temas são: 1) *-jĩgã – um tema com dispersão “tímida” correspondendo às línguas localizadas no centro-oeste e leste do domínio bantu. A atestação mínima, referentes às outras regiões, se justifica devido à dominação de vários sinônimos que, às vezes, provêm de uma forma verbal bem distribuída que derivou o nome do instrumento motivado pela ação de execução “soprar”; 2) °-dũdũdi – tema com larga distribuição, com difusão nas regiões sudoeste e leste, de origem deverbativa. 3) °-gũmbĩ – atestado no noroeste e centro-oeste, apresentando o fenômeno da osculância que deriva a construção °-kũmbĩ, a partir de empréstimos vindos de algumas línguas da zona C, que se espalhou no sudoeste e leste bantu; 4) °-gũdũ - proposta de tema geral atestada com

dispersão contemplando todas as regiões do domínio bantu, de origem ideofônica e verbo intermediário; 5) *-gùngà – tema reconstruído, atestado em todas as regiões, principalmente no oeste-oeste e sudoeste; 6) °-gédé – proposta de tema que deriva a forma totalmente reduplicada °-gédégédé, também uma forma com reduplicação parcial, outra apresentando metátese, atestadas em todo o domínio bantu, porém, com mínimas atestações no noroeste e centro-oeste, devido a ocorrência de inovações, nessas regiões, ex. °-bènge, atestado principalmente na zona A (grupos 30, 60, 80 e 90); °-dúnjá na zona C; 7) *-túmbá – tema com distribuição dispersa na área bantu, designando tambor (esp.), exceto na região oeste-oeste; todavia, explicada devido a ocorrência de outro tema, nesta região, °-dòngù (zonas B, C, H), motivado pela origem ideofônica com verbo intermediário. No noroeste, o tema apresenta atestação mínima, devido também outra inovação, °-dùmù (zonas A, B, C), também deverbativo; 8) *-dìmbà – tema geral designando três tipos de instrumentos musicais idiofônicos; o primeiro sentido é “tambor de fenda”, com atestações mínimas nas zonas A e B, devido a “(r)existência” de reflexos do tema mais antigo °-gudu; o segundo é “lamelofone”, cujas correspondências denominam uma terceira versão do instrumento com atestações dispersa de oeste a leste, porém, apresentando lacunas, justificadas pelos reflexos de °-gìmbí e *-cànjí; e, finalmente, o terceiro sentido é “xilofone” com ampla difusão, salvo na zona A, devido a atestação de reflexos do tema *-jángá. O tema *-dìmbà é um deverbativo motivado pela ação de “dar golpes”; 9) *-gòmbí – tema reconstruído com difusão nas regiões noroeste, centro-oeste e oeste-oeste. O tema é um deverbativo motivado pelas ações de “bater palmas, bater tambor, tocar inst. musical”; 10) *-cànjí – reconstrução atestada em todas as regiões e bastante difundida no centro-oeste, oeste-oeste e sudoeste bantu; a mesma denomina a segunda versão do instrumento “lamelofone”; 11) *-pémbé – tema deverbativo a partir da ação “soprar” que se especializou e difundiu-se de norte a sul do domínio bantu. Os reflexos denominam “chifre musical” que passa a denominar também o chifre (matéria), principalmente na região dos Grandes Lagos.

O presente estudo comparativo favoreceu não só a compreensão do léxico e sua organização nas línguas como também evidenciou aspectos sociais importantes e tradicionais da vida dos povos bantu. Espera-se que, mesmo sucinta, a pesquisa contribua com estudos posteriores relacionados ao vocabulário dos instrumentos musicais no contexto bantufone, tanto na área da Linguística quanto na Etnomusicologia e Antropologia.

